



Saúde da mulher transgênera em situação de rua

Health of transgender women on the streets

Salud de las mujeres transgénero en la calle

Keila Cristina Costa Barros¹, Andréia Vanessa Carneiro de Moraes¹, Edméia de Almeida Cardoso Coelho¹, Marília Emanuela Ferreira de Jesus¹, Ranna Danielle Doria de Araújo¹, Jeane Freitas de Oliveira¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar a abordagem sobre a saúde das mulheres transgêneras em situação de rua nas produções científicas. **Métodos:** Revisão integrativa realizada nas seguintes fontes: Scientific Electronic Library Online, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online e Biblioteca Virtual de Saúde. Utilizou-se como descritores: “transgender persons”, “health” e “Homeless persons” em português, inglês e espanhol. A pesquisa foi realizada seguindo às recomendações do fluxograma Prisma e suporte do software EndNote Web, submetidos à análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** 7 artigos que obedeceram aos critérios de inclusão e exclusão, no qual a vulnerabilidade social e seu impacto à saúde se mostrou mediante a falta de habitação, vivência de violências físicas e verbais e exclusão social. **Considerações Finais:** Essa revisão integrativa abordou majoritariamente a vulnerabilidade e a discriminação interseccional relacionados ao tema da saúde da mulher transgênera em situação de rua, sendo necessário estratégias de cuidado, oferecendo assim a essas mulheres meios para que tenham a oportunidade de uma vida saudável.

Palavras-chave: Saúde da mulher, Pessoas Transgénero, Pessoas em Situação de Rua.

ABSTRACT

Objective: To identify the approach to the health of homeless transgender women in scientific productions. **Methods:** Integrative review carried out in the following sources: Scientific Electronic Library Online, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online and Biblioteca Virtual de Saúde. The following descriptors were used: “transgender persons”, “health” and “Homeless persons” in Portuguese, English and Spanish. The research was carried out following the recommendations of the Prisma flowchart and support of the EndNote Web software, submitted to Bardin's content analysis. **Results:** 7 articles that met the inclusion and exclusion criteria, in which social vulnerability and its impact on health was shown through the lack of housing, experience of physical and verbal violence and social exclusion. **Final Considerations:** This integrative review mostly addressed vulnerability and intersectional discrimination related to the health issue of transgender women living on the streets, requiring care strategies, thus offering these women the means to have the opportunity for a healthy life.

Keywords: Women's Health, Transgender People, Homeless People.

¹Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA.

RESUMEN

Objetivo: Identificar el abordaje de la salud de mujeres transgénero en situación de calle en las producciones científicas. **Métodos:** Revisión integradora realizada en las siguientes fuentes: Scientific Electronic Library Online, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online y Virtual Health Library. Se utilizaron los siguientes descriptores: “personas transgénero”, “salud” y “personas sin hogar” en portugués, inglés y español. La investigación fue realizada siguiendo las recomendaciones del diagrama de flujo Prisma y apoyo del software EndNote Web, sometido al análisis de contenido de Bardin. **Resultados:** 7 artículos que cumplieron con los criterios de inclusión y exclusión, en los que se evidenció la vulnerabilidad social y su impacto en la salud a través de la falta de vivienda, vivencia de violencia física y verbal y exclusión social. **Consideraciones finales:** Esta revisión integradora abordó mayoritariamente la vulnerabilidad y discriminación interseccional relacionada al problema de salud de las mujeres trans en situación de calle, requiriendo estrategias de atención, ofreciendo así a esas mujeres los medios para tener la oportunidad de una vida saludable.

Palabras clave: Salud de la mujer, Personas transgénero, Personas sin hogar.

INTRODUÇÃO

A transgeneridade é um termo guarda-chuva que engloba as inúmeras possibilidades de identificar-se com um gênero diferente do atribuído ao nascimento (JAMES SE, 2016). Assim, pessoas transgêneras ou trans englobam homens e mulheres transexuais, travestis e outras expressões que subvertem a linearidade entre a anatomia genital e a expectativa de papel social de gênero (SOUZA ES e TANAKA LH, 2022).

As mulheres transgêneras experimentam várias iniquidades em saúde, incluindo altas taxas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), hipertensão, dislipidemia, uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas, depressão e suicídio. Essas iniquidades estão relacionadas às situações discriminatórias que pessoas transgêneras enfrentam tanto nos espaços sociais, quanto nos espaços de saúde, repercutindo no adiamento e até na recusa a acessar cuidados à saúde (JESUS JG, 2012). Na prática, romper com os regimentos cisheteronormativos e considerar os diferentes modos de subjetivação é extremamente difícil (SOUZA ES e TANAKA LH, 2022) apesar de ser urgente e necessário.

As mulheres transgêneras transitam por ambientes sociais em que a transfobia é registro permanente de suas vulnerabilidades (JOHNS EA, et al., 2017). Desse modo, Além das vulnerabilidades em saúde as quais essa comunidade perpassa, como negligências no atendimento, desrespeitos, discriminação, há também a vulnerabilidade simbólica, em que algumas dessas mulheres vivenciam o contexto do abandono social e familiar, que podem as colocar em situação de rua. A população transgénera em situação de rua nos Estados Unidos da América (EUA) é representada por 40% (JAMES SE, 2016). A Pesquisa Censitária da população em situação de rua de 2019 do município de São Paulo estimou a existência de 24.344 pessoas vivendo em situação de rua, destes são 386 pessoas transgêneras vivendo neste contexto, correspondendo a 1,6% do total de pessoas. Essa estimativa inclui mulher transgénera (55,5%), travesti (10,5%) e homens transgéneros (9,5%), sendo predominante pessoas negras (67%) e idade entre 31 e 49 anos (BRASIL, 2019).

A situação de rua é um problema de saúde pública estabelecido, a qual as mulheres transgêneras experienciam de forma muito próxima. As pessoas em situação de rua configuram-se por um público heterogêneo que utiliza espaços públicos e áreas degradadas como formas de habitação. Nesse contexto, possuem como características comuns a pobreza extrema, o rompimento ou fragilidade com o vínculo familiar e a ausência de moradia convencional (PEREIRA LI e MATTOS DL, 2019). Desse modo, existem que protegem os direitos humanos das Pessoas em Situação de Rua, sobretudo em relação a orientação sexual e identidade de gênero (BRASIL, 2020). No entanto, a realidade das mulheres transgêneras, especialmente as negras, vivenciam um acesso diferenciado a serviços relacionados à habitação, como a discriminação nos abrigos e também enfrentam uma grande variedade de obstáculos para obter cuidados à

saúde de qualidade de forma integral (GLICK JL, et al., 2019). Entendendo que saúde não versa apenas sobre a ausência de doenças, mas também sobre as condições de vida, como habitação e as relações sociais torna-se importante considerar esses fatores ao pensar em saúde (ALMEIDA FILHO NA, 2018).

Destarte, urge conhecer evidências das demandas de saúde de mulheres transgêneras em situação de rua para fornecer apoio necessário para essa população e aprimorar a conduta dos profissionais de saúde. Assim, o incremento de estudos acerca desta temática, a partir dessa revisão narrativa, poderá favorecer os cuidados às mulheres transgêneras, em diversos setores, possibilitando que profissionais, familiares e toda a sociedade amplie a gama de conhecimento acerca da temática, por meio dos artigos já publicados sobre esse tema.

Nessa perspectiva, ressalta-se que as demandas de saúde da mulher transgênera se tornam potencializadas quando estão vivenciando a situação de rua. A partir deste cenário, nota-se a importância do fomento de estudos com enfoque nessa população. O presente estudo objetivou identificar a abordagem sobre a saúde das mulheres transgêneras em situação de rua nas produções científicas.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, no qual a pesquisa foi desenvolvida em seis etapas: estabelecimento da questão da pesquisa; busca de publicações em bases de dados; seleção dos estudos; categorização dos artigos incluídos na revisão; interpretação e apresentação dos resultados (MENDES KDS, et al., 2008).

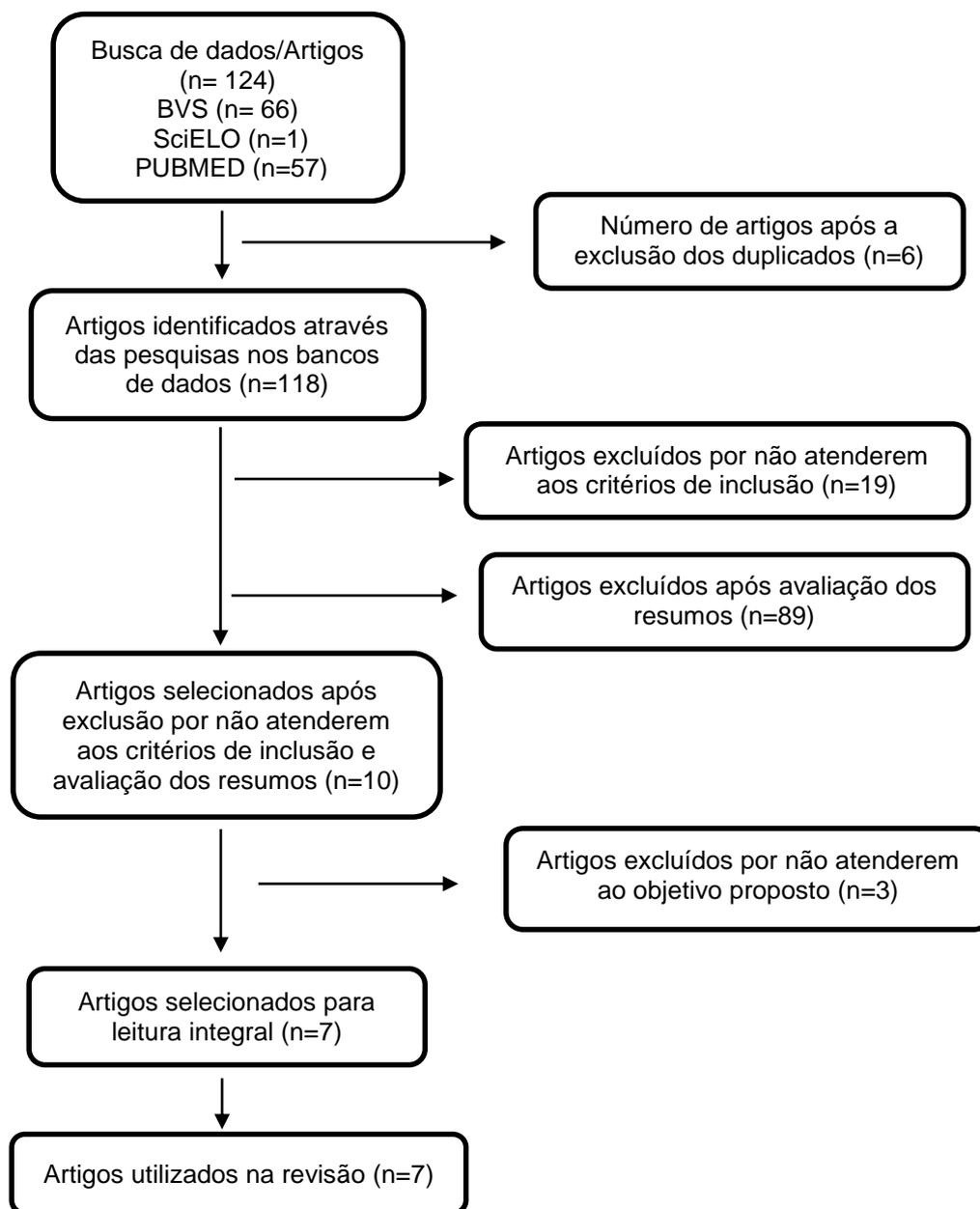
Na primeira etapa ocorreu a formulação da questão norteadora utilizando a estratégia PICo. Assim, definiu-se que para a formação da estratégia PICo seria necessário a utilização dos seguintes termos: (P) População: mulheres transgênera (“Transgender persons”); (I) Interesse: saúde (“Health”); e (Co) Contexto do estudo: população em situação de rua (“Homeless Persons”). Desta maneira, formulou-se a seguinte questão norteadora: como a saúde da mulher transgênera em situação de rua é abordada na produção científica nacional e internacional?

Na segunda etapa foram adotados os critérios de inclusão: publicações que contemplavam o objetivo desta revisão, estar em língua portuguesa, inglesa ou espanhol, nos últimos cinco anos (2016-2021), e artigos originais. Optou-se pelos últimos 5 anos para buscar os artigos mais atuais que abordam a temática. E como critérios de exclusão: artigos em outros idiomas, anos anteriores a 2016 e superiores a 2021, tipo de estudo: revisão, editorial, reflexão, comentário, e os que não se enquadram na temática e objetivo do estudo. Tendo em vista que a coleta foi realizada em 2021, não foi possível selecionar os manuscritos publicados após esta data.

Na terceira etapa o levantamento de dados ocorreu no mês de outubro de 2021 a partir de artigos contidos no banco de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), sem filtro por bases dados, almejando contemplar o maior número de artigos.

Realizou-se cruzamentos dos descritores padronizados com a combinação de Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e seus respectivos em inglês Medical Subject Heading (MESH), com utilização do operador booleano AND. A estratégia de busca escolhida foi “Transgender Persons and Health and Homeless Persons”, pois foi a combinação com mais artigos indexados. Na quarta etapa duas pesquisadoras realizaram a seleção dos artigos por título e resumo, atendendo os critérios de inclusão. Os artigos foram sistematizados por cada uma das pesquisadoras com auxílio do software EndNote Web, que permite compartilhar e separar os artigos em pastas em “válidos” (atendiam aos objetivos da pesquisa), “duplicados” (se encontravam em mais de uma base de dados) e “excluídos” (não se enquadravam nos critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa). Foram selecionados 124 artigos para leitura na íntegra, dentre os quais, 7 compuseram a Revisão Integrativa. A seleção dos artigos seguiu o fluxograma adaptado do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA), demonstrado na ilustração da **Figura 1** a seguir:

Figura 1 - Fluxograma da produção científica identificada nas bases de dados.



Fonte: Barros KCC, et al., 2023.

Na quinta etapa ocorreu a análise de conteúdo temática (BARDIN L, 2016), a saber: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os achados foram discutidos com base na literatura nacional e internacional acerca do tema. Ainda na análise, foram criados quadro, figura que, ao serem condensados, destacaram as informações neste estudo. Na sexta e última etapa foi realizada a Revisão, emergindo a categoria: vulnerabilidade social e seu impacto à saúde.

RESULTADOS

Os artigos foram selecionados utilizando o critério de especificidade que o tema exigia. Os estudos encontrados foram publicados no período de 2016 a 2021, todos eram do idioma inglês. Sendo duas publicações no ano de 2016, uma publicação no ano de 2017, duas publicações do ano de 2019, uma publicação do ano de 2020 e 2021. Três estudos apresentaram abordagem quantitativa e quatro de abordagem qualitativa. No **Quadro 1**, as publicações foram dispostas seguindo a ordem: autores, ano, local,

amostra, tipo de estudo e principais resultados. Os dados das publicações encontram-se compilados no **Quadro 1** descrito abaixo:

Quadro 1 – Síntese dos estudos selecionados na amostra.

Autor/Ano/Local	Amostra/Tipo de Estudo	Principais Resultados
Lyons T, et al. (2016) Canadá	Pesquisa qualitativa. Entre junho de 2012 e maio de 2013, foram realizadas entrevistas com 32 mulheres trans e indivíduos bi-espirituais que acessaram serviços de saúde e/ou habitação específicos para mulheres.	A exclusão de serviços específicos para mulheres tinha consequências adversas potencialmente graves, como falta de moradia e violência sexual. A vulnerabilidade ao HIV por meio da redução do acesso aos serviços de prevenção do HIV e pela falta de moradia e exclusão social que são fatores de risco estruturais para o HIV.
Flentje A, et al. (2016) San Francisco, CA.	Pesquisa quantitativa. Os dados usados neste estudo foram coletados como parte da pesquisa bienal de moradores de rua de São Francisco, obtida da Agência de Serviços Humanos de São Francisco. Em fevereiro de 2015, com 1.027 moradores de rua, incluindo aqueles que residem nas ruas ou abrigados.	Descobriu-se que homens transexuais sem teto corriam risco especial de ter problemas de saúde física, mental e violência ou abuso doméstico. Mulheres transgênero eram mais propensas a relatar transtorno de estresse pós-traumático.
Johns EA, et al. (2017) San Francisco, CA	Análise secundária dos dados coletados com 250 mulheres trans com idades entre 16 e 24 anos na área da Baía de São Francisco de 2012–2014.	Ter um histórico de habitação instável foi associado a chances significativamente maiores de problemas de acesso a cuidados médicos e cuidados de saúde mental devido à identidade de gênero. Por outro lado, identificar-se como genderqueer/genderfluid, Latina ou morar em moradia dependente foi associado ao acesso a cuidados médicos ou mentais.
Beltran T, et al. (2019) EUA	Pesquisa quantitativa realizada com 629 mulheres trans com pelo menos 18 anos de idade residentes na área da Baía de São Francisco.	Este estudo revelou que a discriminação interseccional onera desproporcionalmente as mulheres trans e pode aumentar o risco de vivenciar a instabilidade habitacional.
Glick JL, et al. (2019) New Orleans, LA	Este estudo utilizou etnografia direcionada, um método etnográfico rápido, consistindo em entrevistas em profundidade com membros das comunidades T / GNC em New Orleans, coletadas entre março e maio de 2017, com 17 participantes, com idade entre 23 a 39 anos, com um participante de 70 anos.	Vulnerabilidade foi destacada com base na interseção de identidades. Identidade e expressão de gênero foram discutidas, destacando os obstáculos exacerbados enfrentados pelas pessoas transfemininas. Destacaram a interseção de classe e raça com a não conformidade de gênero e a instabilidade habitacional.
Abramovich A, et al. (2020) Canadá	Pesquisa qualitativa do tipo estudo realizada com uma mulher trans.	Os prestadores de cuidados de saúde podem fornecer cuidados significativos para jovens transgêneros com histórico de trauma que estão vivenciando a situação de rua, abordando os determinantes sociais da saúde, objetivos relacionados à transição e quaisquer condições médicas e psiquiátricas simultaneamente.
Eastwood EA, et al. (2021) New York, USA	Pesquisa quantitativa, com levantamento multi-site, através do Projeto Especial de Significância Nacional (SPNS). Com 102 mulheres transexuais, entre 2013 e 2017.	Os dados sugerem que o apoio social de amigos transgêneros é crucial e pode ajudar a amenizar os desafios relacionados à falta de moradia.

Fonte: Barros KCC, et al., 2023.

Os estudos apontam que a produção científica nacional e internacional acerca da temática, está direcionada para a relação entre a falta de habitação e a identidade de gênero. Após a análise dos dados, os resultados extraídos apontaram a categoria temática: vulnerabilidade social e seu impacto à saúde. Nesta categoria os estudos sintetizam que a vulnerabilidade é existente muitas vezes mediante a falta de habitação, discriminação interseccional, vivência das violências e exclusão social como fator de risco para exposição ao HIV e problemas de saúde mental, os quais, fazem interseção com a saúde. Neste contexto, o apoio de pessoas e amigos transgêneras podem contribuir positivamente nos desafios enfrentados pela ausência de moradia.

DISCUSSÃO

Esta revisão demonstrou carência de estudos nacionais tangentes à temática da saúde da mulher transgênera em situação de rua. Porém, nos países de língua inglesa, mesmo com idiomas, costumes, tradições e localizações diferentes, apresentaram artigos que discutem a temática, sendo os estudos concentrados em países como Canadá e EUA.

As razões as quais as mulheres transgêneras acabam vivenciando a situação de rua incluem: conflito familiar, desaprovação da orientação sexual ou experiências estressantes, como abuso sexual na infância. Ou seja, os motivos pelos quais mulheres transgêneras vão parar no contexto das ruas, estão em muitos casos relacionados aos impactos dos traumas vivenciados, de violências e violações, desde a infância, recorrendo às ruas como uma alternativa de abrigo (FLENTJE A, et al., 2016).

Assim, observamos que a integração dos resultados elege a vulnerabilidade social, como um fator principal, com várias repercussões na saúde das mulheres transgêneras, apontam que o preconceito, falta de moradia, pobreza, dificuldade para acessar o mercado de trabalho se tornam presentes por conta das transidentidades.

A taxa de desemprego para as mulheres transgêneras é maior do que a de homens transgêneros com características semelhantes; esses resultados revelam a existência de uma penalidade adicional no mercado de trabalho por ser mulher, além de uma penalidade por ser transgênero (JAMES SE, 2016).

Diante disso, mulheres transgêneras, frequentemente recorrem ao trabalho sexual para o sustento e compra de serviços de afirmação de gênero, como hormônios e outros produtos que aumentam a feminização. Também, experimentam um risco aumentado de compartilhamento de agulhas no bombeamento ilícito de silicone. Taxas altas de sexo anal sem preservativo entre mulheres transgêneras ocorrem durante o trabalho sexual, envolvendo-se em comportamentos sexuais de maior risco por aumento de salário, comportamento como um dos focos principais o risco de contraírem HIV. Globalmente, as chances de infecção pelo HIV são 49 vezes maiores entre mulheres transgêneras, em comparação aos indivíduos heterossexuais ou cisgêneros (EASTWOOD EA, et al., 2021).

Nesse contexto, estar em situação de rua é uma grande preocupação para as mulheres transgêneras, pois, a falta de habitação contribui para a ocorrência de vulnerabilidades, como: violência, violações, uso abusivo de substâncias psicoativas. Cabe ressaltar que a escassez de estudos sobre esta população, bem como a inexistência de políticas públicas específicas sobre sua saúde (DIAS ALF, et al., 2015), refletem um contexto de vulnerabilidades que se retroalimentam, definindo um ciclo de pobreza-estigmatização-exclusão-adoecimento (SOUZA ES e TANAKA LH, 2022).

As identidades transfemininas, se encontram em posição de estigma e preconceito por não atenderem a uma normatividade de gênero. A partir disso, discorre acerca de processos de exclusão social, estigmas, marginalização e estereótipos que essas identidades sofrem. Os movimentos de exclusão fazem com que ocorra a anulação das transgeneridades, bem como de suas práticas discursivas e suas particularidades ocasionando vulnerabilidades, além da própria transfobia que sofrem cotidianamente (JESUS JG, 2015).

O caminho de auto-reconhecimento da identidade de gênero dessas pessoas tem implicações em múltiplas dimensões, sejam elas físicas (cirurgias plásticas e terapia hormonal), psicossociais, familiares,

jurídico-legais. A temática mulheres transgêneras em situação de rua, lança luz sobre a importância da compreensão das possibilidades de combinações entre gênero, raça, classe social e outras categorias de análise na determinação do processo saúde-doença e cuidado dessas pessoas (JAMES SE, 2016).

A vulnerabilidade dessas mulheres é agravada pelo marcador social: raça. As mulheres transgêneras negras enfrentam muitos desafios de vida relacionados à discriminação por marginalização racial e étnica, pobreza, bullying, baixos níveis de educação, e oportunidades de emprego (EASTWOOD EA, et al., 2021; OLIVEIRA MRG, 2018). Estudos apontam que as mulheres transgêneras negras possuíam maiores índices de instabilidade habitacional e isso não só acarreta a ida à rua, mas também em dificuldades de realizar acompanhamento médicos, acessar medicações e de exposição a abusos sexuais e, conseqüentemente, IST's (GLICK JL, et al., 2019; EASTWOOD EA, et al., 2021; LYONS T, et al., 2016).

No Brasil não há dados oficiais acerca da população de mulheres transgêneras em situação de rua, e escassas pesquisas sobre a trajetória dessas mulheres e as discriminações relacionadas à cor. A exclusão da mulher transgênera negra perpassa inclusive pela produção científica, denunciando que faltam pesquisas sobre esta população na ótica das mulheres e que demonstram suas trajetórias de vida e enfrentamentos às inúmeras exclusões (OLIVEIRA MRG, 2018).

As mulheres transgêneras negras possuem mais dificuldades de acessar os serviços de saúde e sofrem mais preconceitos, de tal modo, que a participação em coletivos de auto-organização é uma estratégia para driblar e enfrentar essas vulnerabilidades (SIQUEIRA GC e MARCOLINO MA, 2021). No que tange à mulher transgênera negra, em situação de rua, um estudo apontou que essas mulheres experimentam níveis extremos de pobreza e carecem das necessidades humanas mais básicas - comida e abrigo. Essas experiências de pobreza extrema podem ser uma das causas de marginalização social e isolamento da sociedade (EASTWOOD EA, et al., 2021).

Os achados desta revisão apontam que nos abrigos, as mulheres encontram dificuldades para acessar banheiro e possuem maiores riscos de sofrer transfobia institucional. Essas situações acarretam maiores agravos à saúde mental como traumas, estresse, depressão e maior vulnerabilidade ao HIV/AIDS (FLENTJE A, et al., 2016; ABRAMOVICH A, et al., 2020). Nota-se, a partir dos achados, que nas ruas, as mulheres transgêneras precisam lidar com os preconceitos por estarem em situação de rua e as discriminações relacionadas à identidade de gênero

O acolhimento institucional a partir do sexo designado no nascimento se configuram como violência institucional na medida em que não se respeita a identidade de gênero da pessoa, configurando transfobia institucional. As vulnerabilidades se agravam diante das precariedades e violências relacionadas ao viver nas ruas.

Uma estratégia utilizada por mulheres transgêneras para lidar com as dificuldades vividas nas ruas e nos centros de acolhimento é estar no grupo de iguais, sentindo-se mais protegidas, inclusive dos demais usuários, sendo também uma forma de se fortalecerem para viabilizar suas demandas (MENDES LG, et al., 2019). O apoio social dos amigos e a união com outras mulheres transgêneras que vivenciam a mesma realidade correspondem como fatores de proteção para agravos à saúde diante das vulnerabilidades da/na rua, vinculadas à identidade transgênera (EASTWOOD EA, et al., 2021).

Mulheres transgêneras são vistas como violadoras das normas de gênero e estão sujeitas ao policiamento de gênero contínuo, sendo consideradas enganadoras (não mulheres "reais") e isso é usado para justificar a violência e a exclusão. Mulheres transgêneras em situação de rua são proibidas de adentrar em abrigos para homens e mulheres cis se não estiverem tomando hormônios ou se não tivessem uma expressão de gênero feminina (LYONS T, et al., 2016). Tendo em vista que a sociedade estabelece regras de comportamentos sociais esperados, o conceito de passabilidade está relacionado aos diferentes espaços sociais em que é condicionada a mulher transgênera se aproximar da expressão de gênero socialmente construída do que é ser uma mulher cis, ou seja, pelo tipo de cabelo, unhas, vestimentas, físico e afins. Assim, a passabilidade torna-se para muitas um mecanismo de defesa diante da cisheteronormatividade, onde as pessoas trans com passabilidade estão menos expostas à violência física

e simbólica porque não são reconhecidas como papéis de gênero desviantes (LUCENA SG, 2018). Dessa forma, para algumas mulheres transgêneras “neste submundo sobreviver na rua é uma luta diária, constante e dolorosa... morar na rua e ser trans é duas vezes mais preconceito” (MENDES LG, et al., 2019).

A maior cirurgia que perpassa a vida cotidiana de uma pessoa transgênera não diz respeito ao cardápio de cirurgias plásticas que ela possa submeter-se, mas sim, refere-se àquela que ela está implicada a realizar no outro, no tecido social, nos enfrentamentos cotidianos, na ruptura diária de discriminações e preconceitos, nas reivindicações pelos direitos subtraídos pelo próprio Estado, o que a autora denomina de “cirurgia social” (MENDES LG, et al., 2019).

Nesse sentido, é fundamental a proteção social e de saúde advinda das políticas públicas estatais. O Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que possuem programas de incentivo e acolhimento às demandas dessa população, todas elas sabiam e acessavam algum serviço do SUS, no entanto, também foi unânime a vivência de violência institucional, sexual e de discriminação como desrespeito ao nome social, falta de privacidade nos banheiros coletivos e não reconhecimento da identidade transgênero nos serviços públicos (MENDES LG, et al., 2019).

Desse modo, é perceptível que a violência é uma experiência muito presente na vida dessas mulheres, e devido a isso, apontam que as formas de violências e seus agentes podem repercutir diretamente na saúde física, mental e social dessas mulheres, colocando-as em situação de rua e/ou até mesmo levando-as a buscar abrigo em outros países (ABRAMOVICH A, et al., 2020; BELTRAN T, et al., 2019). Para além das violências físicas e verbais cotidianas das mulheres transgêneras, existem ainda as demandas psicológicas e emocionais dessas violências “silenciosas” conhecida por todos, mas invisibilizada pelo sistema. O constante sentimento de perigo, onde precisam estar preparadas para enfrentar comentários desairosos e tentativas de agressão física. Essas mulheres sabem que a qualquer momento, podem tornar-se alvo de agressão verbal e/ou violência física por parte daqueles que se sentem ofendidos pela simples presença de mulheres transgêneras nesse espaço (KULICK D, 2008).

A situação de rua para mulheres transgêneras afeta bidirecionalmente os comportamentos e resultados relacionados à saúde, bem como outros determinantes sociais da saúde. Se faz necessário estratégias de cuidado, que forneça meios possíveis para que essas mulheres tenham a oportunidade de uma vida saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos dessa revisão integrativa abordaram majoritariamente a vulnerabilidade e a discriminação interseccional relacionados ao tema da saúde da mulher transgênera em situação de rua, onde as vivências de violências são cotidianas na vida dessas mulheres, como também as demandas psicológicas e emocionais oriundas dessas violências “silenciosas” conhecida por todos, mas invisibilizada pelo sistema. Considera-se limitante o número de publicações identificadas diante da complexidade da temática, sinalizando para a importância de inclusão e/ou ampliação de discussões no processo formativo de profissionais de saúde, assim como em atividades de educação permanente, visando práticas de cuidado acolhedoras e respeitadas tanto a nível do SUS, quanto SUAS. Assim, se faz necessário estratégias de cuidado, oferecendo assim a essas mulheres meios para que tenham a oportunidade de uma vida saudável.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVICH A, et al. A transgender refugee woman experiencing posttraumatic stress disorder symptoms and homelessness. *CMAJ*, 2020; 6; 192(1): E9-E11.
2. ALMEIDA FILHO NA. O que é saúde? Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2018; 160p.
3. BARDIN L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70; 2016; 279p.
4. BELTRAN T, et al. Intersectional Discrimination Is Associated with Housing Instability among Trans Women Living in the San Francisco Bay Area. *Int J Environ Res Public Health*, 2019; 16(22).

5. BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos Humanos. Resolução Nº 40, de 13 de outubro de 2020. Dispõe sobre as diretrizes para promoção, proteção, e defesa dos direitos humanos das pessoas em situação de rua, de acordo com a Política Nacional para População em Situação de Rua. Brasília (DF): Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos Humanos; 2020.
6. BRASIL. Prefeitura Municipal de São Paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo, Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo. São Paulo (SP): Prefeitura Municipal de São Paulo; 2019.
7. DIAS ALF, et al. On the fringes of the city: invisibility paths and exclusion of transvestites on the street. *Gerais: Rev Interinst Psicol.*, 2015; 8: 214-233.
8. EASTWOOD EA, et al. Young Transgender Women of Color: Homelessness, Poverty, Childhood Sexual Abuse and Implications for HIV Care. *AIDS Behav.*, 25(Suppl 1): 96-106.
9. FLENTJE A, et al. Mental and Physical Health among Homeless Sexual and Gender Minorities in a Major Urban US City. *J Urban Health*, 2016; 93(6): 997-1009.
10. GLICK JL, et al. "Housing Insecurity Seems to Almost Go Hand in Hand with Being Trans": Housing Stress among Transgender and Gender Non-conforming Individuals in New Orleans. *J Urban Health*, 2019; 96(5): 751-759.
11. JAMES SE, et al. The report of the 2015 U.S. transgender survey. Washington, DC: National Center for Transgender Equality; 2016.
12. JESUS JG. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília: Autor; 2012. 24p.
13. JESUS JG. Transfeminismo: Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia; 2015. 206p.
14. JOHNS EA, et al. Sociodemographic Factors Associated With Trans female Youth's Access to Health Care in the San Francisco Bay Area. *J Adolesc Health*, 2017; 61(2) :259-261.
15. KULICK D. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008. 280p.
16. LUCENA SG. Análise da passabilidade como mecanismo de proteção as experiências trans. E-book CONQUEER... Campina Grande: Realize Editora. 2018; 156-156.
17. LYONS T, et al. Experiences of Trans Women and Two-Spirit Persons Accessing Women-Specific Health and Housing Services in a Downtown Neighborhood of Vancouver, Canada. *LGBT Health*, 2016; 3(5): 373-378.
18. MENDES KDS, et al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto -enferm.*, Florianópolis, 2008; 17(4): 758-764.
19. MENDES LG, et al. Social protection and production of care for transvestites and transgender women in homeless situation in the city of Belo Horizonte (MG). *Saúde em Debate*, 2019; 43(8): 107-119.
20. OLIVEIRA MRG. "Transexistências negras: O lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX". In: Ribeiro PRC, Magalhães JC, Seffner F, Vilaça T. *Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação*. Rio Grande: EDFURG; 2018.
21. PEREIRA LI e MATTOS DL. Somos humanos na rua, não somos lixo": análise da Política Nacional para a Pessoa em Situação de Rua e o caso do município do Rio de Janeiro. *Rev Programa Pós-Grad Direito UFC*, 2019; 39(1): 243-64.
22. SIQUEIRA GC, et al. Mulheres transexuais e travestis negras: vulnerabilidade, preconceito e discriminação. *Debates en Sociología*, 2021; 52: 43-57.
23. SOUZA ES e TANAKA LH. Healthcare: action research with trans people living on the streets. *Rev Bras Enferm.*, 2022;75(Suppl 2): e20210016.